

6-2004

Missão Espiritana no Paraguai

Albino Vitor M. Oliveira

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana>

Recommended Citation

Oliveira, A. V. (2004). Missão Espiritana no Paraguai. *Missão Espiritana*, 5 (5). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana/vol5/iss5/9>

This Article is brought to you for free and open access by Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Missão Espiritana by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.

missão espiritana no paraguai

Durante o Concílio Vaticano II, uma das Dioceses mais pobres e necessitadas de obreiros do Paraguai encontrou-se com o Superior Geral da Congregação e pediu-lhe ajuda com pessoal missionário para a sua Diocese.(...) A Província de Espanha quis responder ao apelo do Conselho Geral da Congregação. Certamente, a missão vivida em comunidade internacional é testemunho daquela unidade que Jesus pede e para qual temos de caminhar para que o Mundo creia n'Ele. Actualmente fala-se em inculturação: o missionário há-de conhecer e assumir a cultura daqueles aos quais é enviado e que o recebem.

0. INTRODUÇÃO

“**V**amos àqueles lugares para os quais a Igreja dificilmente encontra obreiros!” Com este pensamento começou a história da presença dos Espiritanos no Paraguai, um lugar para o qual a Igreja dificilmente encontra obreiros. Durante o Concílio Vaticano II, uma das Dioceses mais pobres e necessitadas de obreiros do Paraguai encontrou-se com o Superior Geral da Congregação e pediu-lhe ajuda com pessoal missionário para a sua Diocese. Foi a ocasião de convidar a recentemente fundada Província da Trindade a assumir como território próprio de missão um lugar na Diocese de Concepción, cujo Bispo pedira socorro ao Superior Geral. A Província da Trindade aceitou o convite e enviou os seus primeiros missionários para a Paróquia de Lima, na Diocese de Concepción.

O território da Paróquia de Lima era muito extenso. Compreendia dois núcleos urbanos antigos de Lima e de Tacuat; a colónia de Nueva Germania, fundada por Alemães vindos para o Paraguai nos tempos de Nietzsche com a ideia de fundar o reino do “Super-Homem” nas várias “compañías”

*“Vamos àqueles
lugares para os
quais a Igreja difi-
cilmente encontra
obreiros!”*

* Albino Vítor Martins Oliveira, missionário espiritano, com mais de 20 anos de experiência missionária no Paraguai. Foi responsável pelas Obras Missionárias Pontifícias do país. Actual Superior Principal.

dispersas e ocupadas por pobres “Campesinos” que viviam da agricultura de subsistência e da exploração de madeira. Por outro lado, havia e continua a haver algumas comunidades indígenas.

Eclesialmente, situámo-nos em tempos de renovação, depois do Concílio Vaticano II e da Conferência de Medellín, dos Bispos de América Latina, realizada precisamente com o propósito de adaptar a renovação trazida pelo Concílio à América Latina. Esta renovação traduz-se especialmente numa Pastoral iluminada pela Teologia da Libertação, com a formação das Comunidades de Base, como se dizia naquele tempo e agora fala-se em Comunidades Eclesiais de Base. Esta renovação tinha como grandes opositores os regimes totalitários presentes em toda a América Latina, que não admitiam a promoção e concienzialização do povo pobre e oprimido. A Igreja sofreu importantes perseguições, no Paraguai e, aqui na Paróquia de Lima, em particular. Uma das consequências da perseguição foi a saída dos Espiritanos do território da Paróquia de Lima.

Com a saída dos Espiritanos do território da Paróquia de Lima, ficou toda esta região sem a presença regular de pessoal missionário, sem que a Diocese pudesse remediar a situação, também por falta de pessoal. Informado da situação real em que ficou a missão espiritana do Paraguai, o Conselho Geral da Congregação fez um apelo a todas as Províncias, pedindo pessoal missionário que, formando um Grupo internacional, desse continuidade ao trabalho de evangelização dos Confrades da Província da Trindade.

Foram aparecendo respostas positivas ao pedido do Conselho Geral da Congregação e, pouco a pouco, foi-se constituindo um grupo internacional para a evangelização do povo de Deus que vivia no território da Paróquia de Lima e de muitos outros homens, mulheres e crianças que vinham de todo o país, chamados pela colonização interna que proliferava, com a compra de grandes quantidades de terra por parte do Estado a proprietários particulares e a sua conseguinte venda e distribuição a “Campesinos”, vindos em busca de melhores condições de vida.

Também a Província de Espanha quis responder ao apelo do Conselho Geral da Congregação no sentido de enviar pessoal missionário para o Paraguai e começou a preparar uma equipe missionária a enviar para este país e da qual fazia parte o autor destas linhas.

A equipa seguiu um processo de formação, que, como momento forte e importante, contemplou a participação num curso de Pastoral para América Latina em Madrid. Aí, em ambiente missionário, com Padres, Freiras, Missionários, Leigos, inclusive casais, tratámos temas de suma importância da vida da Igreja da América Latina, como a Teologia da Libertação e as Comunidades de Base ou, como se diz actualmente, as Comunidades Eclesiais de Base. Isto, num momento histórico em que a Igreja da América Latina estava a passar por um período de grande perseguição e martírio (recordo que um casal que se preparava para vir como Casal Missionário, perante a reflexão apresentada sobre a situação de martírio que estava a passar a Igreja em quase todos os países latino-americanos, não teve coragem para continuar e, entre lágrimas, desistiu do seu projecto missionário).

“Foram aparecendo respostas positivas ao pedido do Conselho Geral da Congregação e, pouco a pouco, foi-se constituindo um grupo internacional para a evangelização do povo de Deus que vivia no território da Paróquia de Lima”

O processo de preparação, a integração num Grupo internacional espiritano e a participação na actividade pastoral da Igreja num lugar de missão num país diferente, levam-me a reflectir sobre alguns aspectos da vida espiritana:

1. Internacionalidade

Somos pessoas oriundas de diferentes países, de diferentes línguas, de diferentes culturas, convocadas pelo mesmo Espírito a partilhar uma forma de vida e uma missão. No nosso mundo vivem-se ideias e situações diferente e às vezes contraditórias: globalização e culturas particulares, tolerância e fundamentalismos, etc. Num mundo como este, aparecemos como sinal de união e de comunhão - somos diferentes mas une-nos o mesmo Espírito e a mesma missão.

Sem dúvida que é muito interessante viver em internacionalidade com a consciência de que nos une o mesmo Espírito e de que partilhámos a mesma missão. No entanto, é necessário ter a consciência de que se trata de uma tarefa a realizar com esforço, com renúncia, com entrega. O caminho não está feito, cada qual tem que o fazer aventurosamente consciente.

Certamente, a missão vivida em comunidade internacional, com tudo o que implica a internacionalidade, é testemunho daquela unidade que Jesus pede e para qual temos de caminhar para que o Mundo creia n'Ele. Por outro lado, podemos dizer que o Mundo nos pede este testemunho e, de alguma maneira, tem direito a recebê-lo das nossas comunidades. Se a missão é testemunho de vida, a comunidade missionária internacional desempenha uma missão de grande valor nos nossos dias: unidade na diversidade, acolhimento (a todas as pessoas como filhos de Deus e irmãos nossos, independentemente da raça ou da condição social de cada uma), diálogo, tolerância, valorização do outro e outros valores que o nosso mundo precisa e dos quais temos que dar testemunho para demonstrar como é que é possível viver com eles.

A situação da Congregação actualmente, exige-nos que cada vez mais formemos e vivamos em comunidades internacionais. É mais um motivo para pensar que a internacionalidade é um sinal dos tempos, devendo nós mesmos fazermos o esforço para descobrir o que Deus nos quer dizer através dos sinais dos tempos e aceitá-los e vivê-los na disponibilidade dos desígnios de Deus, que nem sempre coincidem com os dos homens.

2. Inculturação

Os missionários são enviados a outros povos, a outros países, a outros continentes, com culturas diferentes, maneiras de viver, de pensar, de agir, de se relacionar, de exprimir a religiosidade de formas muito diferentes. Tempo houve em que muito se falava de encarnação: como Cristo encarnou, se fez Homem, num povo concreto, também o missionário se deve encarnar no ambiente onde é enviado, viver como aqueles aos quais anuncia

“viver em internacionalidade”

“é necessário ter a consciência de que se trata de uma tarefa a realizar com esforço, com renúncia, com entrega.”

“A situação da Congregação actualmente, exige-nos que cada vez mais formemos e vivamos em comunidades”

o Evangelho. Actualmente, não se fala de encarnação (de facto, só Deus pode encarnar, fazer-Se carne), mas sim de inculturação: o missionário há-de conhecer e assumir a cultura daqueles aos quais é enviado e que o recebem.

Já Paulo VI dizia que era necessário penetrar na cultura, não como um verniz exterior, mas penetrar profundamente na cultura daqueles que o recebem, de maneira a transformá-la e impregná-la dos valores evangélicos de modo a que cheguem a fazer parte da mesma cultura. A convicção de Paulo VI é determinante para a evangelização para não cairmos na tentação de reduzir a evangelização à transformação de umas práticas ou expressões exteriores, ficando a mentalidade profunda da gente como estava antes de receber o Evangelho.

“É imprescindível para o missionário, sem renunciar à própria cultura, conhecer o mais profundamente possível a cultura do povo ao qual é enviado”

É imprescindível para o missionário, sem renunciar à própria cultura, conhecer o mais profundamente possível a cultura do povo ao qual é enviado e assumi-la com a certeza de que, antes de ele lá chegar, já o Espírito Santo estava lá a agir no coração de cada pessoa. Ao conhecer e ao assumir a cultura do povo, toma consciência de que é diferente da sua e, portanto, a sua acção terá que ser diferente do que seria num ambiente da sua cultura própria. Compreenderá também que o povo reage de maneira diferente do seu povo de origem. Esta certeza de reacção diferente é necessária para não se desanimar diante das reacções que lhe possam parecer raras ou até esquisitas.

No processo de inculturação há aspectos de suma importancia, como por exemplo, a língua. O missionário tem consciência da necessidade de conhecer bem a língua do povo a que é enviado, não só para poder compreender o que o povo lhe quer dizer, mas também para dizer o que precisa de dizer. Por outro lado, o missionário precisa de estar bem consciente de que o que anuncia é nada menos que a Palavra de Deus e que esta tem que ser transmitida com fidelidade. Sim porque a Palavra de Deus é palavra viva que dá vida, daí a necessidade de ser transmitida e recebida como o que Deus quer comunicar.

“o povo paraguaio é um povo de tradição oral, para o qual o mais importante é o que se diz e não tanto o que se lê ou escreve”

No caso concreto do Paraguai, como é um país bilingue, a gente pode ter a impressão de que é suficiente falar o espanhol. No entanto, a realidade é outra. A maioria da gente com quem trabalhamos fala com dificuldade o espanhol. Por outro lado, mesmo os que falam facilmente esta língua, pensam na sua própria, que é o guaraní e, com frequência, o que dizem não é precisamente o que pensam. Também é preciso ter em conta que o povo paraguaio é um povo de tradição oral, para o qual o mais importante é o que se diz e não tanto o que se lê ou escreve. Por isso, a mesma leitura da Bíblia, especialmente nas celebrações litúrgicas, com ou sem sacerdote, precisa de um especial cuidado, para que seja “ouvida” a Palavra de Deus.

“o missionário há-de amar o povo a que é enviado”

Outro aspecto de fundamental importância no processo de inculturação é o afectivo: o missionário há-de amar o povo a que é enviado, para poder realizar no meio dele a missão que lhe é confiada. Vem-me à memória o que alguém me dizia, sendo eu recentemente chegado a este país, em conversa de aperitivo à espera do jantar de casamento: “padre, se queres trabalhar

com o povo paraguaio, tens que, em primeiro lugar, amá-lo e amá-lo inclusivamente com os seus defeitos". É evidente este aspecto. Somente porque nos ama, Jesus se fez um de nós, veio junto de nós para nos salvar. Sòmente poderemos anunciar a Palavra de Salvação àqueles que amamos, pois só amando, podemos querer que o outro chegue ao conhecimento de Cristo e n'Ele se salve.

Ao falar de inculturação, a partir da minha vivência, relaciono-a com três realidades que estão bem unidas: o Povo, a Igreja e a Pastoral.

3. O Povo

Tenho que confessar que, durante o tempo de formação foram ocupando a minha mente e o meu coração algumas ideias relacionadas com a inculturação: encarnação, que era a palavra de moda, entrega, ser um membro mais do povo, compartilhar a vida do povo pobre, etc. Também durante a preparação mais próxima para o envio, no curso de pastoral para a América Latina, estas ideias foram-se fazendo mais claras. Já no Paraguai, fazia-se necessário levar à prática o aprendido e recebido: em primeiro lugar, a aprendizagem da língua, a adaptação a alguns costumes diferentes, aprender a "gastar" tempo em convivência, escuta, observação da vida do povo, aceitar a alimentação, etc. Mesmo no trabalho pastoral, visitando as comunidades cristãs (Comunidades de Base ou Comunidades Eclesiais de Base), havia o hábito de ficar nas casas de responsáveis das comunidades. No lugar de missão onde foi enviada a nossa equipe, as nossas casas eram simples como as da maioria do povo, com paredes de madeira e tecto de palha; como não havia cozinha, comíamos em casa de famílias que nos convidavam ou se ofereciam para nos dar de comer. Enfim, muitos aspectos da vida missionária ajudaram-me a aproximar-me do povo simples, a respeitá-lo, a apreciá-lo, a amá-lo.

Sempre me senti muito bem recebido pelo povo, o que não quer dizer que não tenha havido momentos de nervosismo, de tristeza e até, por duas vezes, foi dito publicamente diante de mim que não queriam padres estrangeiros. Nos dois casos diziam que os estrangeiros não entendem o que dizem e eu estava a entender tudo mesmo sem ainda poder falar o guaraní. Também faz parte do processo de inculturação passar por situações de não aceitação, que são também momentos em que o missionário tem que abandonar o orgulho ou amor próprio e tomar consciência de que tem que anunciar a Outro e não a si mesmo e de que é um instrumento que deve ser levado pelo Espírito em busca da construção do Reino.

"Também faz parte do processo de inculturação passar por situações de não aceitação"

4. A Igreja

Um missionário é um enviado duma Igreja a outra Igreja irmã, ha-de ser um sinal de comunhão entre Igrejas que buscam chegar a formar o mesmo e único Reino de Deus, que começa já neste mundo mundo e culmina na

“Foi para mim muito importante descobrir a dimensão eclesial da vida missionária, vir integrar-me numa igreja particular e senti-me membro dessa mesma Igreja particular”

Eternidade. Foi para mim muito importante descobrir a dimensão eclesial da vida missionária, vir integrar-me numa igreja particular e senti-me membro dessa mesma Igreja particular. Também aqui tenho que confessar que tive a sorte de chegar poucos dias antes da criação da nova Diocese da qual faz parte o lugar de missão, o que me levou a participar de todo o processo de tomada de consciência por parte de agentes de pastoral leigos, sacerdotes e religiosos de estar a construir uma nova Diocese, uma nova Igreja particular.

Esta circunstância levou-me a assumir como minhas as opções desta Igreja local, actuar sempre com sentido de comunhão eclesial, tanto pessoalmente, como em comunidade com os outros membros da equipe da qual fazia parte. Esta comunhão eclesial levou-nos a participar activamente na implementação do plano de pastoral, do qual nos sentíamos co-autores. Assim, um missionário sente-se irmão de outros agentes de pastoral, com os quais compartilha a mesma missão, de ir construindo o Reino de Deus no lugar onde vivem e trabalham como membros de uma mesma Igreja, de um só Corpo de Cristo, do mesmo Povo de Deus.

5. A Pastoral

O missionário que chega a um país diferente do seu, a partilhar a missão dentro duma Igreja local, faz tudo o possível por conhecer como essa Igreja está a actuar pastoralmente e, no caso concreto, era realmente preciso fazer uma conversão: em primeiro lugar, descobrir que a Igreja é comunidade, com distintos serviços, realizados por diferentes pessoas, que, em comunhão, vão construindo a comunidade. Em segundo lugar, habituar-se a trabalhar em corresponsabilidade com Leigos que, ao fim e ao cabo, são os que carregam com a responsabilidade da vida das suas respectivas comunidades. Em terceiro lugar, tomar consciência de que a comunidade cristã se há-de empenhar na libertação e promoção das pessoas, o que podemos chamar “pastoral social”. É o que entendíamos ao falar de Evangelização como promoção da fé e promoção humana.

Tenho que confessar que, no que respeita à Pastoral social, parece mais interessante e dá mais nas vistas o que é assistência do que o que é promoção, a partir do esforço da comunidade e dos próprios interessados. No entanto, também aqui está parte da inculturação: animar as comunidades cristãs a trabalhar na sua própria promoção, a buscar, com as próprias forças e os meios próprios, melhores condições de vida. Por outro lado, na acção pastoral, não-de ir unidos o anúncio do Evangelho e a promoção das pessoas, na sua dignidade de filhos de Deus. A comunidade é uma, não pode haver separação entre fé e vida concreta. Claro está que se trata de um caminho a percorrer, com muito esforço, pois são muitas as forças que se opõem a este estilo de pastoral, desde a própria lei do menor esforço até àqueles a quem interessa que o povo permaneça na ignorância, na indigência, na dependência.

“animar as comunidades cristãs a trabalhar na sua própria promoção”

O actual Grupo espiritano do Paraguai vai variando na sua constituição, já que há sempre movimento dos integrantes deste grupo: uns que regressam às suas Províncias de origem, outros que vêm a ajudar aos que ficam, pois o trabalho missionário não diminui, ao contrário, aumenta. Cresce a população, aumentam as necessidades de evangelização e o crescimento do pessoal missionário não segue o mesmo ritmo, nem no próprio país, nem noutros países. O Senhor Jesus manda-nos pedir ao Dono da messe que envie operários para a Sua messe. Recordemos sempre este pedido do Senhor e disponhámo-nos nós mesmos a participar mais, para que continue e aumente a obra missionária em todo o mundo.

*“O Senhor Jesus
manda-nos pedir
ao Dono da messe
que envie operários
para a Sua messe”*

